

Édipo. Tempo, mito, psicopatologia, psicanálise

Maurício Silveira Garrote

Este texto dá continuidade ao desenvolvimento da construção como instrumento da elaboração metapsicológica.

Neste método, a partir dos sentimentos e fantasias gerados em seu psiquismo e em seu corpo durante a experiência de atendimento a pacientes com diagnóstico de esquizofrenia, o autor constrói uma narrativa literária que comporta a história de um tratamento e sua elaboração metapsicológica.

No texto em questão, um Heráclito ficcional de inspiração heideggeriana utiliza os recursos da análise do ser-aí e da quadridimensionalidade do tempo para introduzir a idéia de que o tempo do tratamento psicanalítico é um tempo psicopatológico.

Em seguida, um xamã de influência bergsoniana se apropriará da crítica da espacialização do tempo e da idéia do tempo como duração para introduzir um novo paradigma da compreensão médica da clínica, paradigma que propõe a contrapelo da visão da clínica como uma repetição dos acontecimentos memoráveis e equivalentes, uma concepção da clínica como processo cumulativo de enriquecimento do mundo mental do par médico-paciente.

Palavras-chave: Esquizofrenia, psicanálise, psicopatologia fundamental, experiência clínica.

*A bem da verdade, se eu, honestamente,
pudesse levar vocês ao que eu desejo,
por uma via diferente, que não fosse trabalhosa,
como esta o é, tê-lo-ia feito.*

*Contudo, qualquer que seja a causa pela qual
sucederam as coisas que se lerão adiante,
tal causa jamais poderá ser demonstrada
sem rememoração. Por esta razão é que me
vejo quase forçado pela necessidade
a escrever ao respeito dela.*

Boccaccio, *Decamerão*

I

Édipo aproxima-se de Esfinge, às portas da cidade. A Esfinge é uma mulher que ostenta um colar feito de cabeças de homem; ergue-se à grande altura sobre pilhas de corpos humanos, homens e mulheres. Seus cabelos vermelhos explodem à volta de seu rosto alvo de olhos azuis cintilantes.

Édipo manca, apoiado em sua bengala. O sol do meio dia arde, dobrando o peso de seu corpo de encontro à bengala. O ar escasso esquentava-lhe a garganta. A luz intensa lhe obriga a quase fechar os olhos; a voz sai esganiçada.

— Me deixe passar.

Os olhos da Esfinge voltam-se do céu para a pequenice de Édipo; assim olhando para baixo coriscam reflexos de seus cabelos vermelhos. A voz que vem de todas as direções tem a força suave da onda que se desmancha na areia:

— O que?

A condição humana late alto no sobressalto da voz do pequeno Édipo: “Me deixa passar.”

Esfinge pára todos os sons no seu sorriso estrondosamente silencioso. A mesma voz vem de todos os lados.

— “Efêmero, te apresento um enigma em troca da tua passagem vivo. Não me respondendo, o mortal perde sua cabeça.” Esfinge aperta os olhos, ergue sua espada resplandecente de ofuscantes luzes. “Mortal, qual é que é o animal que pela manhã andava em quatro pés, quando à tarde já era visto em dois pés para à noite arrastar-se em três, procurando passagem?”

A vertigem tirava longe o chão de Édipo: “Esfinge, esse ser que no seu andar mostra os momentos do dia é o ser do tempo. No seu corpo desvela movimento e mudança; percebe as transformações e no entanto, olhando, permanece. É o mesmo nas diferentes horas do dia sendo diferente nas diferentes horas do dia; existe compreendendo que o que aparece aos seus olhos hoje pode muito bem não aparecer amanhã – vive sendo o homem.”

II

Édipo deita-se no divã, ofegante. Respira com muito esforço, rapidamente, como se chegando de uma corrida; sua respiração é acompanhada de roncões e assobios. Esforça-se muito para encher o peito de ar; rende-se ao esforço soltando o pouco ar que conquistou com um silvo medonho. Sua face inchada é púrpura: seus olhos estão esbugalhando-se a cada dia. Suas mãos, trêmulas, mostram compridos dedos com pontas achatadas, marcas do corpo há muito adaptado ao pouco oxigênio que Édipo se legou. Trêmulo, risca o fósforo e acende o cigarro.

Pergunto-me como suportarei mais essa cena de suicídio gradativo. Eu e Édipo sabemos que a cada cigarro seu pulmão morre franco. Lembro-me de todas as minhas últimas tentativas para que diminuísse o cigarro. Não permitir que fumasse durante as sessões era minha última tentativa.

Mas hoje, surpreendentemente, não me animo a forçá-lo a apagar o cigarro. Procuro dividir com Édipo o enorme peso de sua existência, de seu corpo disforme, obeso, arrastando as marcas que a vida lhe riscou apesar de sua insistente tentativa em deixar-de-ser, em aniquilar-se, morrer.

III

Entre outras marcas, Édipo carregava as lembranças de inúmeras internações psiquiátricas, durante as quais sofreu todos os tratamentos físicos e químicos da história da psiquiatria contemporânea. Indução de coma com insulina, indução de convulsões com choques elétricos, indução de impregnação extrapiramidal com neurolépticos. A todos os tratamentos Édipo resistiu mantendo seu acontecer psicótico rigorosamente resistente: de quando em quando voltava a divulgar

seu projeto de parar o tempo com sua máquina européia. A máquina européia era um invento que até hoje sustentava, mesmo fora das crises; mas era nas crises que a responsabilidade da invenção o atormentava com o terror dos americanos que vinham vigiá-lo ali mesmo em sua casa, disfarçados naquele mesmo mais íntimo amigo de pinga daquele mesmo tão familiar boteco de bairro que habitava há cinco décadas.

Em troca da fama e da glória de ser o primeiro a subjugar o tempo ao seu comando, “desvirginando o último enigma da Virgem mãe-natureza”, Édipo queimava no Inferno da inveja dos americanos que não se cansavam de ameaçá-lo pelo rádio e pela televisão.

IV

Édipo tinha hoje cinquenta e sete anos. Eu o conheci com quarenta e sete. “Mas o senhor acha que ainda dá tempo de me tratar?”

Naquele tempo o enfisema pulmonar não produzia tanta limitação na vida de Édipo. Professor de filosofia em um colégio da periferia, subia com esforço, mas subia, dois lances de escada até a sala de aula.

Já fumava muito, pontas dos dedos e dentes amarelados da nicotina. Fumava sempre os cigarros mais “fortes”, os “estoura-peito”, depois de tomar a “pinga que matou o guarda” ou o café “tão forte que só pra macho”. Junto com o cigarro vinham sempre essas imagens de força, macheza, força de resistir a qualquer mau-trato, força de sobreviver como “um lagarto completamente seco torrado no sol do deserto, lagarto é bicho bem macho.”

V

E era daquela parte do Paraná onde a terra era mais vermelha, onde a pinga era mais ardida, onde o sol queimava mais e onde moravam as cobras mais perigosas, era bem de lá que vinha Édipo.

Seu pai era caminhoneiro, de caminhão próprio, trabalhava por conta. Carregava de tudo, tudo o que fosse pesado: madeira, sacos de feijão, gado. Carregava também Édipo, o filho mais velho, desde muito pequeno. “Era uma alegria. Eu via tudo bem de lá de cima, da gabina [era como ele gostava de chamar a cabine, descobri depois]. O caminhão ia grande, chevrolé, morro acima, morro abaixo, estrada de asfalto, estrada de chão. E atento no volante era o Pai, todo. Compenetrado, falando importâncias, sua voz acompanhada do ronco companheiro do motor diesel. Sempre de camiseta por baixo da camisa, era, no sol e na chuva. Me perdia só no gosto de vê-lo manejando tão macio toda aquela

potência bruta; o câmbio, a reduzida, o freio. Pai falava não muito, mas sempre com grande importância.” Do seu pai que tinha vindo da Itália, parece que tinha matado alguém lá? Era alguma coisa com traição de amor. Era de seu pai que Pai tinha herdado a profissão do caminhão. E para Édipo escolhia já certo a profissão de mecânico. Era para estudar o ginásio no colégio dos padres, para depois fazer o curso de mecânico em Arapongas, perto da sua cidade, Astorga. Pai era todo um plano só, seguro e certo; e a oficina no horizonte, motores, câmbio e direção.

VI

“Mas o colégio de padre não era assim companheiro como Pai. Acordar muito cedo, decorar muito verbo, rezar muito, pra que tanto santo? Pra onde ia toda aquela reza, de todos os dias, repetindo, repetindo, até a boca começar a falar sozinha? Eram os padres que falavam pela gente, então? Ou era isso que era falar a mensagem de Deus?

No altar, ela. Com os pés sobre um mundo, um mundo muito azul clarinho, como os dias primeiros da vida.

A pele cor de rosa devia ser bem macia, aquele rosto olhava com tanto dó da gente ... a gente ajoelhado no frio, tudo era meio escuro, eu olhava para aquele rosto; debaixo do manto vinham aparecendo cachos de cabelo loiro, e a mão direita erguida, o indicador e o mindinho meio esticados, os outros meio encolhidos, seria uma preguiça gostosa que dava essa leveza para essa mão? Mão boa devia de ser na cabeça da gente, na cara, arrumando quem sabe as golas do casaco no frio da manhã.”

“E vinha sempre o sonho. Era eu fugindo sempre, era tanto homem atrás de mim, de espingarda, faca, facão; danação de tanta gente que me olhava e sabia que eu tinha feito uma coisa muito feia.”

“O que? Não sabia. Mas era no meio de aquilo tudo que aparecia ela; primeiro de costas, eu reconhecia pelo manto azul; eu subia todo um morro atrás dela.

No alto, puxava a barra do seu manto; chorava menino: mãe, mãe, mãe... era ela então que se virava e olhava lá de cima para mim; mas seu sorriso era quente de outro jeito, outra coisa, outro. E na sua mão – aquela da preguiça – indolente estava um cigarro... ela se agachava, linda, santa, passava a mão no meu cabelo; sua cabeça assim deitando de lado, me dizia: Chiu! Chiu! Está na hora... Eu sempre acordava aí.”

“Enquanto a gente tomava banho eu contei pro Santino o sonho, um certo dia. Santino era bom, muito amigo mesmo, amigo tanto de tantas vezes eu querer abraçar e querer poder andar assim com ele o dia todo. Foi Santino que me

disse que era um pecado muito grande tudo aquilo. Nossa Senhora não podia de estar fumando, era virgem. Que é que eu estava pensando? Enquanto ia falando isso, Santino ia enxugando as partes dele, e foi a primeira vez que eu olhei ali com atenção, para o pinto do Santino. Devo de ter ficado um bom tempo olhando, porque o bedel me pegou por trás, pelo pescoço, e foi me levando pra casinha, aquele quartinho bem pequeno de embaixo da escada. Todo mundo gritava muito, me xingavam de tanto palavrão. Eu não entendia nada, pelado, sozinho naquele buraco, no escuro, agachado, não podia nem ficar de pé. Que foi que eu fiz?”

VII

“Que foi que eu fiz? Junto com a pergunta agora não parava de querer pensar só porcaria, não mandava mais no meu querer. No escuro ficava iludindo aquela santa do sonho fumando, se agarrando com o Santino, fazendo todo tipo de safadeza, principalmente por trás. Misericórdia! Gritava alto, até ficar rouco. Misericórdia! Me leva, Nossa Senhora! Me levante, Nossa Senhora!”

VIII

“Me tiraram de lá quando tinham passado três dias, soube depois. E foi ele quem vi primeiro de todos quando olhei lá fora, no meio de toda aquela luz, do alto da escada, ele abria seus braços para mim; de lá de sua cruz, Jesus me mandava um abraço, me perdoava. Como eu tinha me esquecido? Jesus era meu legítimo irmão.”

IX

“Nos dias seguintes ele foi me explicando tudo. Como era que as pessoas e os padres não sabiam da história de verdade, como a Mãe tinha contado pra eles uma história só de faz de conta, eles não iam entender a verdade. A mãe fumava, sim, era uma moça muito bonita, que se disfarçava ora de moça na rua, ora do Santino, ora daquela mulher da revista de safadeza que mostrava as partes. Era a mãe, e cuidava de todo o mundo, e tinha todas essas formas.”

Tentei contar tudo isso para o Pai quando ele apareceu lá no colégio. Pai me olhava triste, e quanto mais eu explicava, mais a cara dele era de sofrimento. Pai chorou, eu parei.

No caminho para o hospital, Pai não falou nada.

Pois é, foi o primeiro Hospital que eu conheci. De lá pra cá, tantos!

X

A respiração de Édipo vinha piorando muito nos últimos meses. Os três degraus da pequena escada do consultório já faziam com que demorasse cinco minutos para poder começar a falar.

Édipo iniciava cada sessão tirando toda a roupa até ficar apenas de calça, tórax e pés nus, deitando-se no divã, por mais que a posição deitada piorasse sua dificuldade respiratória. Eu me sentava próximo a ele, numa cadeira que punha perto do divã, onde Édipo pudesse me olhar.

“Os remédios do Dr. Valter estão me deixando impotente.

Tento me masturbar, mas o pinto levanta pouco, fica lá mole, meio mole. Eu estimulo aqui... passo a mão aqui... [mostrava os mamilos] aqui... sei lá, chama seio, não é? E aí melhora a excitação, eu consigo gozar. É, tem mesmo que capar o fulano, quem mandou o sujeito ficar louco? Agora tem mesmo é que se contentar com a punheta de pau mole.”

Chamava-me a atenção quando chamava os mamilos de seios. Isso dentro de todo o impacto do seu tórax, arfante, ao mesmo tempo ele todo doente, e tão apaixonadamente entregue a essa meticulosa exibição para mim. Entregava seu corpo trêpego, lutando furiosamente com seu pulmão que já quase não funcionava, deitando-se à minha frente sua nudez ostensiva. Tão próximo da morte, e tão eroticamente empenhado na transferência, tão vivo.

Os homens sempre queriam castrá-lo ou matá-lo. Nos seus sonhos, nos seus relacionamentos, seu médico psiquiatra querendo capá-lo com os remédios. E eu?

Édipo me forçou a entrar nesse lugar tão familiar a ele do homem terrível e brutal, queimando no cigarro ostensivamente o resto do seu pulmão. Eu tive de proibi-lo de fumar nas sessões, e fiz várias tentativas de proibi-lo de fumar em qualquer lugar. Mas Édipo vencía sempre; voltava a ser internado em Hospitais Psiquiátricos, onde fumava muito; me denunciava como mais um castrador quando pedi à sua família (uma velha tia com quem morava) que o impedisse de fumar. Sorria sempre ao perceber esse triunfo, mas pagava o terrível preço da falta de ar.

XI

Um velho primo distante de Édipo adoeceu. Sua tia me avisou que tiraria Édipo da psicoterapia, para ajudar no pagamento do tratamento de seu outro sobrinho.

Quando falei da absoluta necessidade de Édipo continuar em psicoterapia, sua tia me perguntou: “Está certo, mas por quanto tempo mais? Daqui a quanto tempo eu vou poder usar o dinheiro para ajudar meu sobrinho?”

Por quanto tempo mais? Quanto tempo era necessário para que Édipo mudasse de posição na transferência, e parasse de lutar com os homens no seu pulmão, nos seus sonhos e nos delírios persecutórios?

Quanto tempo era necessário para Édipo poder dar palavra para o medo da emergência do feminino no seu corpo, para o desejo de ser mulher que explodia na identificação com sua Nossa Senhora viril?

Qual é o tempo das transformações psíquicas?

Qual é o tempo da psicanálise?

XII

A intensidade da experiência da proximidade de Édipo indicava o final da sessão. Meu corpo se despedia levemente da cena. Espere! Édipo olha para um quadro na parede, do qual nunca tinha falado nada, uma reprodução do “Vampire”, de 1898, de Munch.

“Essa mulher é brava mesmo. Olha só. Essa é daquelas cobras, venenosa mesmo, das vampiras. Isso é que é mulher!”

Édipo vinha sendo extorquido descaradamente por uma prostituta de seu bairro, que sempre me parecera uma vampira.

Édipo admirava sua tia pela dureza, pela disciplina. “A velha é de ferro. Isso é que é mulher!” Gozava muito nas broncas e xingamentos que choviam sobre si da boca da tia.

Um dos animais que representa a tríplice Deusa da Mitologia hindu é a serpente, naquilo que essa Deusa tem de mais forte e vital, a força das profundezas férteis e obscuras da terra e das sementes, das tocas das cobras. Também naquilo que essa Deusa possui de potência de gerar ilusões, a força do desejo sexual que nas paixões cria as várias formas ilusórias do mundo, Maya.

Dois dias depois Édipo era internado, após tentar agredir a tia. Foi levado pela polícia enquanto gritava que eram as mulheres que estavam por trás de tudo; na verdade, elas queriam controlar seu corpo. Nossa Senhora virou para ele o terrível rosto da Deusa-Serpente.

XIII

No século XVIII, um português, Pedro Rates Henequim, após passar alguns anos no Brasil em busca de ouro nas Minas Gerais, voltava a Lisboa e recriava toda a teologia e a cosmogonia cristãs com base em sua descoberta de que Nossa Senhora não era mulher, mas um andrógino. Possuía além da vulva um pênis, e imperava acima de Deus e de seu filho.

Pedro descobrira também que a localização terrestre do Éden era em Minas Gerais, nos sertões do Brasil. O fruto proibido era uma banana, os índios, os descendentes diretos de Adão e a língua do céu o português.

Instado pelos Inquisidores a negar suas descobertas, Pedro estusiasmou-se com a possibilidade de finalmente revelar ao mundo sua descoberta fundamental. Foi queimado.

XIV

Édipo já não podia mais sair de casa, preso pela sua quase incapacidade respiratória. Ofereci-me para atendê-lo em casa.

Édipo estava sentado numa velha poltrona, pequena para ele, num canto de seu pequeno quarto. Segurava no rosto uma máscara de oxigênio, ligada a um grande tambor de oxigênio.

“Pois é, doutorzinho, quem diria que eu ia chegar nessa situação? Estou aleijado. Não posso nem me masturbar. Pra mijar é um sacrifício, preciso da ajuda da tia. Minha tia me maltrata demais, é grossa comigo, me dá bronca por tudo.”

“Seu Édipo, não dá pra me servir um cafezinho? Vamos lá para cozinha continuar a prosa. O senhor pode ficar um pouquinho fora do oxigênio, não é?”

“Quinze minutos, doutor. O senhor me ajuda a descer a escada?”

A casa onde Édipo vivia era um sobrado? Eu não me lembrava disso? Como fui pedir a ele que me desse um café na cozinha?

Descemos vagorosamente degrau por degrau. A respiração ofegante e sibilante de Édipo me angustiava.

Chegamos à cozinha. Após alguns instantes apoiado na mesa, Édipo foi até o fogão. Esquentou o café. Eu cheguei com as xícaras perto do bule, ele serviu.

Sentamos à pequena mesa. Édipo contava sobre o hábito dos seus dois pintassilgos, o Rique e o Duque. Levantou, trocou a água das gaiolas.

Era o tempo de eu ir embora. Perguntei se Édipo preferia que eu o ajudasse a subir para o quatro ou que eu chamasse sua tia para ajudá-lo.

A subida foi muito difícil. Passo por passo, eu por baixo de um braço, a tia por baixo de outro. Por várias vezes contive meu impulso de carregá-lo em meus braços escada acima.

No meio da escada, Édipo gemia: “Me levante, Nossa Senhora!” Édipo tentava gritar: “Me levante, Nossa Senhora!”

Eu não entendia nada. Me levante, no sentido de me tira dessa condição? Me levante, no sentido da subida da escada?

Coloquei-o na poltrona, dei-lhe a máscara. Alguns minutos (minutos?) mais, Édipo parecia mais confortável.

“Obrigado, doutorzinho.”

“Legal, seu Édipo, o senhor fez bonito mesmo. Subiu mesmo a tal escada. Parabéns, seu Édipo!”

Foi o último atendimento de Édipo. Dois dias depois, uma mensagem pelo bip me avisava que Édipo morria na UTI, após piora da sua condição respiratória.

XV

Nos dias seguintes fui visitado por dois diferentes personagens, que cada qual a seu modo me ajudaram a cuidar da experiência do atendimento de Édipo. A seguir, procurarei no possível relatar a fala de cada um deles.

Heráclito

*Pastores agrestes, vis infâmias e ventres só,
sabemos muitas mentiras dizer símeis aos fatos
e sabemos, se queremos, dar a ouvir revelações.*

Hesíodo, *Teogonia*

68

Heráclito contou:

“Homem, ser no tempo; homem é justamente aquele que é atingido pela presença, atingido pelos entes todos como dons do Ser. O homem é todo o tempo na interioridade da presença, presença onde vem a dar-se ser nas dimensões do passado, futuro e presente. O homem subsiste na permanência dessa clareira, espaço pré-espacial, abertura onde o que já foi e o que por vir se fazem presentes justamente pelo caminho da ausência.”

Aceitar o desvelar-se da presença do tempo no corpo do homem, seja no delírio, seja no adoecer, seja no envelhecer, é reconhecer nesse corpo a presença de passado e futuro, que fala pela ausência. É ouvir nesse corpo o *logos* do sofrimento marcado por essas ausências; a presença do ente querido já perdido registrado em sua ausência e na falta que faz; a presença do perseguidor na ausência do que ainda virá, inatingível, invisível, mas já presente.

Permitir o apresentar dessa quarta dimensão do tempo, a clareira, no corpo, através da biologia (*logos* da vida) que enxergamos com o escutar: psicanálise.

O tempo da psicanálise é esse tempo quadridimensional, onde a transferência sustenta a clareira onde se farão presentes pela ausência o passado com suas perdas (perda: presença da ausência de alguém que já não nos alcança) e o futuro com seus medos (medo: presença da ausência de alguém que não alcançamos, não podemos evitar, mas certamente irá nos alcançar).

O tempo da psicanálise então é essa dimensão onde se dá o ser do homem em seu *logos*, onde se recolhe o *logos* todo inscrito nas presenças e ausências que habitam o corpo, o *pathos* que habita o corpo. O tempo da psicanálise é psico/pato/lógico.

Dá tempo de tratar? Será um tratamento justamente se analista e paciente conseguirem sustentar a dimensão onde se dá tempo, a dimensão da abertura, do entre dois humanos onde se desvelará o *logos* da vida daquele que fala, o analisando.

A máquina de parar o tempo é o próprio fundamento da doença mental humana: Édipo delira na errância do velho projeto do homem de subtrair-se ao tempo, não permitindo mais que tudo que se dá em sua existência o atinja, seja através da reflexão abstracionante (estou num lugar, mas meu pensamento está em outro), seja através da separação entre mente e corpo (penso, logo existo – existo fundado em meu pensamento, livre do meu corpo e de toda a sensualidade que o conecta ao mundo) seja através de interpretações atrasadas que procuram subjugar a experiência ao conceito. Édipo busca furtar-se ao existir; no entanto, a vida sempre se afirma no sintoma, e o delírio construído como abrigo contra as intensidades do viver o re-liga numa religião onde volta a presença do outro através dos americanos perseguidores.

Édipo todo fala da força de ser, nas várias representações de força da sua narrativa. Só que algo acontece: sua força de ser se expressa sempre pela ausência, pelo não conseguir, pela morte, pelo desejo realizado só no delírio de um passado junto à mãe, a Nossa Senhora. Sempre no já foi, hoje sempre morto. Mas desde sempre, no delírio paranóico o desejo pelo amigo se apresenta – então vai habitar o esquema aparentemente morto do delírio o homoerotismo do presente, no encontro com Jesus.

Édipo buscando a mãe no passado, mas do único jeito que podia atingir o passado: desvelando a presença da mãe justamente na sua ausência em sua narrativa atual, aguilhoado pelo desejo sempre presente no amor pelo Jesus – Santino – irmão.

Mas o desejo sempre se faz presença, a vida sempre aflora na dimensão da transferência. Édipo agora tirava a roupa no início de cada sessão. Os seios da mãe na ausência de seios em seu corpo, ou na presença dos seios no delírio. O pênis do pai na ameaça da subtração de seu pênis no advir do delírio. O corpo e a transferência: abertura onde vem a se alcançar passado, presente, futuro, na presença sempre atual do sintoma.

Por mais que padeçamos da doença da consciência histórica, que acredita poder fazer o tempo ser uma linha que vai da esquerda para a direita como a escrita, negando as temporalidades não lineares, o analista lançado na confluência das dimensões da temporalidade que convergem na abertura da transferência,

sempre volta a ser retomado pela presença da ausência do que já decorreu, seja no acontecimento do sintoma, seja quando lhe ocorrem mitos que recolhem num novo/velho *logos* os fragmentos do acontecer humano. Seja o mito da tríplice deusa hindu, ou o da Virgem Maria Andrógina do Brasil colonial: a ausência da mãe histórica de Édipo alcança o analista na presença da Mãe hindu ou andrógina barroca.

O tempo do mito é o tempo da psicanálise: a quarta dimensão da temporalidade que dá ser às estruturas significantes inconscientes na abertura do encontro inter-humano analista/analizando ou poeta/ouvinte ou xamã/paciente. Como as musas de Hesíodo, que contando mentiras símeis a verdades dão ser aos dons que reclamam existir: às estruturas significantes inconscientes, ou, se quisermos, aos dispositivos biológicos chamamos mitos.

Ao final, Édipo se reúne à sua mãe/nossa mãe/Nossa Senhora, levantado do chão na subida da escada, vivendo a despedida do mundo na transferência, rumo ao céu. Édipo morre: sua presença já se afirma só pela ausência, Édipo é só narrativa mítica.

Shaman

70

Não devemos examinar a vida do mesmo modo que um colecionador de insetos contempla seus escaravelhos.

Guimarães Rosa, entrevista

Os paradoxos existem para que se possa exprimir algo para o qual não existem palavras.

Guimarães Rosa, entrevista

O velho xamã, meio acordado, meio sonhando, foi dizendo:

“A máquina de parar o tempo já tinha sido inventada antes de Édipo. Foi inventada quando se introduziram os números nos lugares onde a gente não pode contar: nos sentimentos, por exemplo. Para a gente separar um sentimento do outro, temos de imaginá-los dispostos, separados, ao longo de uma linha, um espaço, sendo que um termina e o outro começa.”

Mas nossa experiência de nosso mundo mental é assim?

Onde acaba o frio da sala de espera do médico e começa o morno do abraço da mãe quando nossa mãe foi nos buscar pela primeira vez no médico?

Assim, os números serviram para dividir a experiência de nosso mundo mental em unidades separadas e estanques, através de uma espacialização do nosso mundo mental. Ou seja: não vejo o olhar apreensivo do médico enquanto me

examina dando cor à minha dúvida sobre meu corpo. Separo a experiência: primeiro a cara do médico, depois minha sensação de frio na barriga.

Represento os objetos todos em meu mundo mental; tomando-os pelo que têm em comum, categorizo, numero, quantifico.

Numero quantas relações sexuais tive no mês, assumindo todas como eventos iguais. A primeira do mês e a última iguais.

O tempo, em meu mundo mental, é uma linha sobre a qual os eventos vão se repetindo: o que permite algum sentido, o sentido do antes e depois, é o número que dou a eles.

Assim, posso imaginar que se me ativer a um único pensamento, o tempo não passa; se pensar dois, o tempo passou.

Se repetir meticulosamente o mesmo várias vezes o tempo não passa. Esquece que depois de conferir três vezes se fechei a porta, a experiência já se modificou com relação à primeira verificação.

São três vezes que confiro.

Assim, ao dissecar a experiência em unidades estanques e esticá-la numa reta imaginária que vai da esquerda para a direita, numerando os pedaços da experiência como quem estica a pele de um animal recém-esfolado para secar, iludo-me dizendo que posso parar o tempo. Posso interromper o perene fluxo de intensidades que compõem minha experiência total, cortá-lo em pedacinhos iguais, contá-los, somar ou diminuir, ir para frente ou para trás.

A máquina de Édipo já é antiga no manejo representacional da experiência vivida.

Os médicos e terapeutas têm se debatido sobre quais seriam os paradigmas utilizados hoje para entender o todo do sofrimento humano, falando sobre os paradigmas exógeno/endógeno, estrutural/genético, subjetivo/objetivo, levando em conta o sujeito doente ou naturalizando a doença. Proponho aqui mais uma dupla.

Se o médico, ao atender o doente, coisifica essa experiência, somando-a a outras utilizando-se de parâmetros gerais (descrição naturalista de sintomas, características comuns a esse ou aquele grupo de pacientes), instantaneamente acredita estar se furtando a experiência vivida no tempo.

Ilude-se acreditando tratar-se do décimo-quinto paciente, oitavo do sexo masculino, quinto com depressão maior etc.

Acredita que seu mundo mental não se tornou mais complexo com o correr dessa experiência singular; acalma-se acreditando que esse atendimento foi uma repetição de outros. Habita o paradigma da repetição.

Por outro lado, se o médico, ao atender o doente, se mantém disponível para a percepção das mudanças em seu corpo e em seu psiquismo, geradas pelo contato singular com esta outra pessoa, vive necessariamente o tempo como duração. Ou seja: no contato com o outro seu mundo mental se enriquece,

complexifica, se configura já irreversivelmente outro: o médico ficou mais velho, mais experiente, e o tempo passou.

Habita no paradigma da experiência vivida. Não viverá este atendimento como mais um, mas como o atendimento onde aconteceu... e aí começa uma história.

Não só o que é comunicado pela fala pode produzir esse efeito: é conhecido há muito pelos xamãs que cada doença tem seu caminho característico no corpo do doente, e como a caça, passa deixando pistas singulares, a serem sempre novamente (e não mais uma vez) interpretadas.

Bibliografia

- BERGSON, H. *Ensaio sobre os dados imediatos da consciência*. Lisboa, Edições 70, s/d.
- BLEULER, E. *Demencia precoz: el grupo de las esquizofrenias*. Buenos Aires, Hormé, s/d.
- BURKERT, W. *Religião grega na época Clássica e Arcaica*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.
- FERENCZI, S. “Transferência e introjeção”, in *Obras completas*. São Paulo, Martins Fontes, 1991.
- FREUD, S. “Estudos sobre a histeria”. *ESB*, vol. II. Rio de Janeiro, Imago, 1969.
- _____. *A interpretação dos sonhos*. *ESB*, vols. IV e V. Op. cit.
- _____. “Delírios e sonhos na ‘Gradiva’ de Jensen”. *ESB*, vol. IX. Op. cit.
- _____. “Notas psicanalíticas sobre um relato autobiográfico de um caso de paranóia (Demencia paranoides)”. *ESB*, vol. XII. Op. cit.
- _____. “Neurose e psicose”. *ESB*, vol. XIX. Op. cit.
- _____. “A perda da realidade na neurose e na psicose”. *ESB*, vol. XIX. Op. cit.
- _____. *Neuroses de transferência: uma síntese*. Rio de Janeiro, Imago, 1987.
- GOMES, P.F. *Um herege vai ao paraíso – cosmologia de um ex-colono condenado pela Inquisição (1680-1744)*. São Paulo, Companhia das Letras, 1997.
- HALIFAX, J. *Shamanic Voices – a survey of visionary narratives*. New York, Penguin Books, 1979.
- HEIDEGGER, M. “O que é metafísica?”, in *Os Pensadores*, vol. V. São Paulo, Nova Cultural, 1991.
- _____. “Sobre a essência do fundamento”, in op. cit.
- _____. “Tempo e ser”, in op. cit.
- _____. *Ser e tempo*. Petrópolis, Vozes, 1993.
- _____. *A origem da obra de arte*. Lisboa, Edições 70, 1992.
- HERÁCLITO. “Heráclito de Éfeso”, in *Os Pensadores*, vol. XV. São Paulo, Nova Cultural, 1991.

- HESÍODO. *Obras y fragmentos*. Madrid, Editorial Gredos, 1983.
- JAEGER, W. *La teología de los primeros filósofos griegos*. México, Fondo de Cultura Económica, 1992.
- JASPERS, K. *Psicopatología general*. 4ª ed. Buenos Aires, Editorial Beta, 1970.
- JONES, E. *La pesadilla*. Buenos Aires, Paidós, 1967.
- KIRK, G.S.; RAVEN, J.E.; SCHOFIELD, M. *Os filósofos pré-socráticos*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1994.
- KRAEPELIN, E. *Clinical Psychiatry (1907)*. New York, Scholars' Facsimiles & Reprints, 1981.
- NUNES, B. *Passagem para o poético – Filosofia e poesia em Heidegger*. São Paulo, Ática, 1986.
- PLATÃO. “El banquete, o del amor”, in *Obras completas*. Madrid, Aguilar, 1988.
- ROSA, J.G.. “Diálogo com Guimarães Rosa”, in *Ficção completa*, vol. I. Rio de Janeiro, Nova Aguilar, 1994.
- _____. “Grande sertão: veredas”, in *Ficção completa*, vol. II, op. cit.
- SCHOPENHAUER, A. *De la cuádruple raíz del principio de razón suficiente*. Madrid, Editorial Gredos, 1981.
- _____. *Schopenhauer en sus páginas*. México, Fondo de Cultura Económica, 1991.
- WINNICOTT, D.W. *Textos seleccionados: da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1993.
- ZIMMOR, H. *Mitos e símbolos na arte e civilização da Índia*. São Paulo, Palas Athena, 1989.

Resumos

Ese texto da continuidade al desarrollo de la construcción como instrumento de la elaboración metapsicológica.

En ese método, a partir de los sentimientos y fantasías generados en su psiquismo e en su cuerpo durante la experiencia del atendimiento a pacientes con diagnóstico de esquizofrenia, el autor construye una narrativa literaria que compuerta la historia de un tratamiento y suya elaboración metapsicológica.

En el texto en cuestión, un Heráclito ficcional de inspiración heideggeriana utiliza los recursos del análisis del ser-ahí y de la cuádridimensionalidad del tiempo para introducir la idea de que el tiempo del tratamiento psicoanalítico es un tiempo psicopatológico.

En seguida, un xaman de influencia bergsoniana se apropiará de la crítica de la espacialización del tiempo y de la idea del tiempo como duración para introducir un nuevo paradigma de la comprensión médica de la clínica, paradigma que propone a contrapelo de la visión de la clínica como una repetición de los acontecimientos

memorables e equivalentes, una concepción de la clínica como proceso cumulativo de enriquecimiento del mundo mental de la pareja médico-paciente.

Palabras-llave: Esquizofrenia, psicoanálisis, psicopatología fundamental, experiencia clínica.

Ce texte donne continuité au développement de la méthode de la construction littéraire en tant qu'instrument d'élaboration métapsychologique.

D'après cette méthode, à partir des sentiments et fantasies générés dans son psychisme et son corps pendant l'expérience du traitement de patients avec un diagnostic de schizophrénie, l'auteur construit une narrative littéraire qui comporte l'histoire d'un traitement et son élaboration métapsychologique.

Dans ce texte-ci, un Héraclite fictionnel d'inspiration heideggerienne fait usage des ressources de l'analytique de l'être-là et de la quadridimensionalité du temps pour introduire l'idée du temps du traitement psychanalytique en tant que temps psychopathologique.

En suite, un roman d'influence bergsonienne s'appropriera de la critique de l'espacialisation du temps et de l'idée du temps en tant que durée pour introduire un nouveau paradigme par lequel il propose au lieu de la vision de la clinique en tant qu'une répétition d'événements mémorables et équivalents, une conception de la clinique en tant que processus cumulatif d'enrichissement du monde mental du couple médecin-patient.

Mots Clés: schizophrénie, psychanalyse, psychopathologie fondamentale, expérience clinique.

This paper gives sequence to the development of the literary construction method as a means of metapsychological elaboration. In this method, starting from the feelings and fantasies born out of the analyst's body and mind during the sessions with patients with schizophrenia diagnosis, the author constructs a literary narrative that contains the history of a certain treatment and its metapsychological elaboration.

In this very paper, a fictional Heraclitus of Heideggerian inspiration uses the devices of the "being-there" analysis and the fourfold-time dimension in order to introduce the idea that the psychoanalytical treatment time is a psychopathological time.

Afterwards, a shaman influenced by Bergson will take over the critics about time in terms of space and the idea of time as duration, to introduce a new paradigm of the medical comprehension over illness which, instead of an overview of the clinical as a repetition of many countable and equivalent events, proposes a conception of the clinic as a cumulative process of enrichment of both doctor and patient's mental world.

Key words: Schizophrenia, psychoanalysis, fundamental psychopathology, clinical experience.